

BOLETIM INFORMATIVO

A REVISTA DO SISTEMA

SISTEMA FAEP



Ano XL nº 1652 | Outubro 2026

Tiragem desta edição 26.000 exemplares

PAUTAS RURAIS

FUTURO DO AGRO NAS URNAS

Outubro define os próximos governantes. Sistema FAEP destaca prioridades para o setor agropecuário, que serão cobradas do governador do Paraná e do presidente da República eleitos



Aos leitores

Outubro é um mês decisivo para o Paraná e para o Brasil. Nas urnas, os eleitores definem quem vai governar pelos próximos quatro anos. Para o campo, isso significa escolher quem terá nas mãos o poder de definir as políticas que impactam diretamente a vida de quem produz, tanto dentro como fora da porteira.

Por isso, neste momento, é preciso identificar os candidatos que empunham a bandeira do campo. Isso é fundamental para criar um ambiente favorável, com representantes ativos, com voz forte e que trabalhem incansavelmente para e pela agropecuária.

O Sistema FAEP fez a sua parte. Como mostra a matéria de capa desta edição, o Plano Diretor do Agronegócio Paranaense 2027/30, construído com os 163 sindicatos rurais, foi entregue a candidatos ao governo do Estado. Já as Propostas ao Candidato a Presidente da República 2026 reúnem as prioridades técnicas e jurídicas no âmbito nacional. São dois documentos que traduzem o que o produtor precisa para continuar produzindo e crescendo.

Agora, além do voto consciente, cabe a todos conhecer as propostas, observar os compromissos assumidos e acompanhar que sejam cumpridos a partir dos novos mandatos. A partir de 1º de janeiro de 2027, o Sistema FAEP vai cobrar os novos governantes por políticas públicas que garantam segurança jurídica e enfrentem problemas como endividamento, fornecimento deficitário de energia, estradas rurais em más condições e o aumento significativo do custo de produção. Afinal, o campo não pode esperar.

Boa leitura!

Expediente

• FAEP - Federação da Agricultura do Estado do Paraná

Presidente: Ágide Meneguette | **Vice-Presidentes:** Ivonir Lodi, Francisco Carlos do Nascimento, Oradi Francisco Caldato, Lisiane Rocha Czech, Ágide Eduardo Perin Meneguette e Nelson Gafuri | **Diretores-Secretários:** Livaldo Gemin e Ivo Pierin Júnior | **Diretor Financeiro:** Paulo José Buso Júnior e Mar Sakashita | **Conselho Fiscal:** Aristeu Kazuyuki Sakamoto, Sebastião Olimpio Santoroza e Luiz André Boranelli | **Delegados Representantes:** Ágide Meneguette, Rodolpho Luiz Werneck Botelho, Eduardo Medeiros Gomes e Cezar Augusto Massaretto Bronzel.

• SENAR-PR - Administração Regional do Estado do PR

Conselho Administrativo | Presidente: Ágide Meneguette | **Membros Efetivos:** Rosanne Curi Zarattini (SENAR/AC), Nelson Costa (Ocepar), Darci Piana (Fecomercio) e Alexandre Leal dos Santos (Fetaep) | **Conselho Fiscal:** Sebastião Olimpio Santoroza (FAEP), Paulo José Buso Júnior (SENAR/AC) e Carlos Alberto Gabiatto (Fetaep) |

• BOLETIM INFORMATIVO

Coordenação e Edição: Carlos Guimarães Filho
Projeto Gráfico e Diagramação: Fernando Santos, Helio Lacerda e William Goldbach
Colaboração: Amanda Andrade, Caroline Lopes Gonçalves, Luiza Rampelotti e Nája Furlan
Contato: relacoescomimprensa@sistemafaep.org.br

Publicação mensal editada pelo Departamento de Relações com Imprensa do Sistema FAEP. Permitida a reprodução total ou parcial, citando a fonte.

Fotos da Edição 1652:

Amanda Andrade, Fernando Santos, Luiza Rampelotti, William Goldbach, Hélio Lacerda, Divulgação, Arquivo Sistema FAEP, Adobe Stock e Shutterstock.

ÍNDICE

FUTUROS GOVERNANTES

A partir de janeiro, Sistema FAEP passa a cobrar as demandas do agro dos futuros governador e presidente

PÁG. 4

SUSTENTABILIDADE

Valorização de tecidos naturais cria oportunidade para expansão da cotonicultura no Paraná

Pág. 12

CONEXÃO

Rodada de Negócios promovida pelo Sistema FAEP será ponte entre produtores de café e compradores

Pág. 18

INOVAÇÃO

Nos EUA, quarto grupo da viagem técnica do Sistema FAEP conhece tecnologias para resolver desafios do campo

Pág. 20

CIÊNCIA

Estudo demonstra importância da microbiota para o equilíbrio do solo e aumento da produtividade

Pág. 24

EMPREENDEDORISMO

Queijaria premiada de Chopinzinho aposta no turismo rural para diversificar renda familiar

Pág. 26

TRAJETÓRIA

Sindicato Rural de Colombo celebra 60 anos de história

Entidade acompanha a transformação do município, que trocou os parreirais para virar referência em hortaliças

O Sindicato Rural de Colombo, na Região Metropolitana de Curitiba (RMC), chegou aos 60 anos. A data foi celebrada no dia 24 de setembro, em uma festa que reuniu lideranças rurais, produtores associados, familiares e políticos, além do presidente do Sistema FAEP, Ágide Eduardo Meneguette. Na ocasião, a nova diretoria da entidade tomou posse, com Odorico Giovanni Strapasson como presidente, Nildo Olivo Gasparin no cargo de diretor-secretário e Ariel Perin na função de tesoureiro.

A história do sindicato começou em uma garagem, onde eram realizadas as reuniões para alinhar as ações em defesa dos produtores. Entre os fundadores estavam Dorico Strapasson, pai do atual presidente da entidade, e os produtores Frideto Bonato e Reinaldo Nodari. Desde a oficialização da entidade em 1967, 20 presidentes já estiveram à frente do sindicato.

“O nosso sindicato patronal sempre esteve presente em cada etapa do desenvolvimento da agropecuária em Colombo, orientando e apoiando, também por meio de parcerias. Entre essas, destaco o Sistema FAEP, que sempre foi parceiro do nosso sindicato”, afirma Strapasson.

Para Meneguette, a trajetória de Colombo mostra a força da estrutura sindical rural no Paraná. “Chegar aos 60 anos é resultado da dedicação de gerações de produtores que entenderam que o campo precisa estar organizado para ser ouvido. O Sindicato de Colombo acompanhou a transformação da agricultura do município e ajudou a cada desafio. É um exemplo do que o sistema sindical representa para o nosso Estado”, destaca.

Ao longo dos anos, o sindicato ampliou sua atuação, conquistou sede própria e passou a oferecer cursos e capaci-



Com a presença de autoridades do agro, Sindicato Rural de Colombo celebra os 60 anos e festeja a posse da nova diretoria

tações, em parceria com o Sistema FAEP, que contribuíram para a profissionalização da agricultura local. Com a nova gestão, a expectativa é dar continuidade ao trabalho, ampliar a defesa dos produtores e preparar as próximas gerações para assumir o legado.

“Queremos buscar novas conquistas e ampliar ainda mais a atuação na defesa e no apoio ao produtor rural. Que os jovens que assumirem o sindicato possam olhar para a história de 60 anos e perceber que tudo é fruto do trabalho, perseverança, união e compromisso”, afirma Strapasson.

Da uva às hortaliças

Nas seis décadas de atuação do sindicato, o perfil da agricultura de Colombo mudou. Nos primeiros anos, o

município era conhecido pelos parreirais e produção de vinhos. Com o tempo, a olericultura ganhou espaço até se tornar o carro-chefe da economia local.

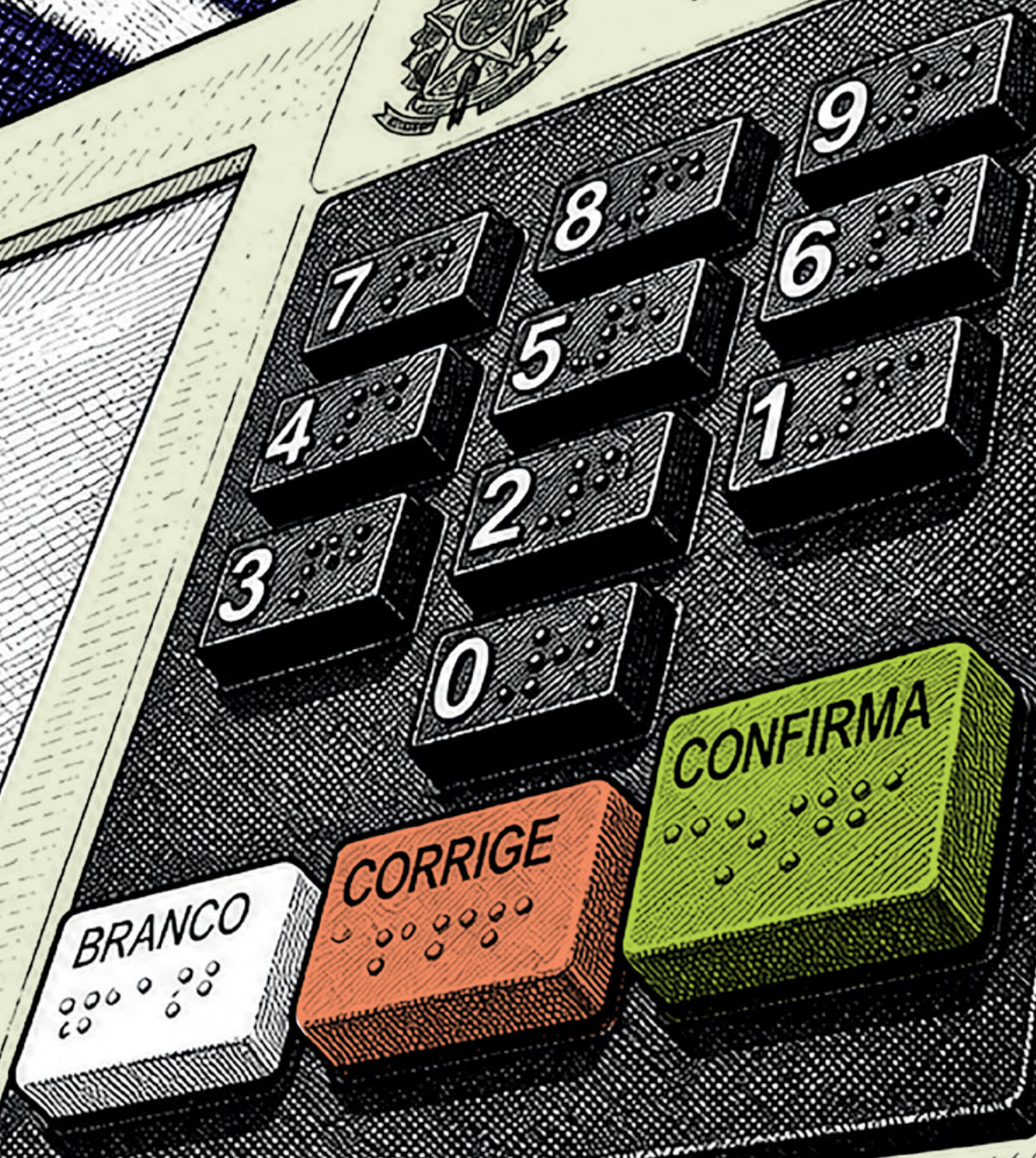
“Naquela época, a nossa agricultura era forte na produção de uva. Faziam muitos vinhos, tinha muitos parreirais no município. Hoje, Colombo se destaca como um dos maiores produtores de hortaliças do Paraná, e essa transformação também faz parte da história do nosso sindicato”, conta o presidente.

Os números confirmam essa vocação. Em 2025, Colombo somou R\$ 237,57 milhões em Valor Bruto da Produção Agropecuária (VBP), puxado principalmente pela olericultura. Brócolis lidera o ranking, com R\$ 47,8 milhões, seguido pela alface, com R\$ 44,3 milhões, e a couve-flor, com R\$ 38,5 milhões (16,2%).

Agro cobra prioridades dos futuros governantes

Sistema FAEP reforça pautas emergenciais que o campo precisa ver atendidas para continuar desenvolvendo a economia nos âmbitos estadual e nacional

JUSTIÇA ELEITORAL



Outubro é um mês decisivo para o futuro do setor agropecuário do Paraná e do Brasil. Isso porque os eleitores decidem quem vai governar o Estado e o país a partir de janeiro de 2027. Neste contexto, o campo tem urgência por soluções para problemas recorrentes no meio rural como juros altos, endividamento crescente, falta de seguro rural, prejuízos causados pelos eventos climáticos extremos e uma infraestrutura que não acompanha a produção.

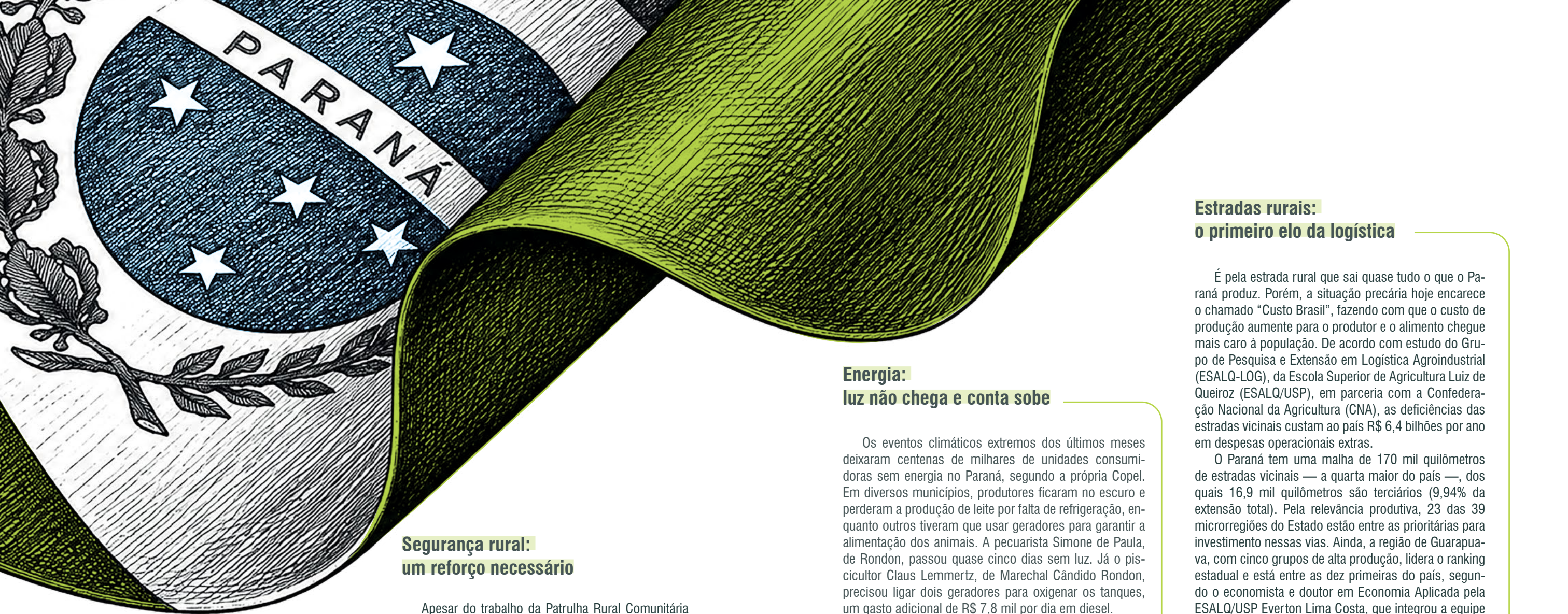
Por isso, nos últimos meses, o Sistema FAEP documentou essas reivindicações e as entregou aos futuros governantes. O Plano Diretor do Agronegócio Paranaense 2027/30, com mais de 360 propostas construídas com a participação dos 163 sindicatos rurais, foi entregue a candidatos ao governo do Paraná. No âmbito nacional, a entidade desenvolveu o documento “Propostas ao Candidato a Presidente da República 2026”, com 15 prioridades técnicas e pautas jurídicas em sete áreas. O material chegou às mãos do candidato Ronaldo Caiado em visita à sede da entidade, em Curitiba, no dia 15 de julho.

“Quem assumir em janeiro vai encontrar um setor que produz, gera emprego e sustenta a economia dos municípios, Estados e do país. Porém, hoje o agro enfrenta dívida sem saída, risco sem proteção e infraestrutura precária. Esse cenário precisa mudar urgentemente, por meio de políticas públicas eficientes e de acordo com a realidade do campo”, afirma o presidente do Sistema FAEP, Ágide Eduardo Meneguette. “Entregamos propostas construídas por quem vive essa realidade todos os dias. Agora é preciso que saiam do papel. A partir de janeiro vamos cobrar os novos governantes.”

Dentre as centenas de propostas, nos âmbitos estadual e federal, algumas são prioritárias, por conta da situação preocupante no meio rural. “Esses documentos são um retrato fiel do que o setor agropecuário paranaense e nacional precisa para os próximos anos”, afirma Meneguette.

“Entregamos propostas construídas por quem vive essa realidade todos os dias. Agora é preciso que saiam do papel. A partir de janeiro vamos cobrar os novos governantes”

Ágide Eduardo Meneguette,
presidente do Sistema FAEP



170 mil km de **estradas rurais**

➤

+110,4% de **reclamações da Copel à Aneel**

-50% de **crimes no campo (Patrulha Rural)**

Segurança rural: um reforço necessário

Apesar do trabalho da Patrulha Rural Comunitária 4.0, da Polícia Militar (PM), com resultados como a recuperação de gado roubado e de veículos furtados, o cadastro de propriedades e a queda nos índices de criminalidade no campo, são necessárias mais ações para reprimir a atuação de criminosos no campo.

O Sistema FAEP pede que vire lei a instituição da Patrulha Rural nos batalhões da corporação, com mais efetivo e internet via satélite nas viaturas. A entidade também propõe que sejam integrados ao projeto Patrulha Rural Comunitária tanto o Batalhão de Polícia Rodoviária (na orientação e educação para o trânsito de máquinas agrícolas em rodovias) quanto o Corpo de Bombeiros, na prevenção e no combate a incêndios nas áreas rurais.

“O trabalho da Patrulha Rural é essencial para manter a segurança no meio rural do Paraná, e as estatísticas comprovam. Por isso, ela precisa deixar de ser um programa e virar lei, com mais efetivo e investimento, a começar pela conectividade”, comenta o presidente do Sistema FAEP.

A entidade aponta ainda a necessidade de criação de delegacias regionais especializadas em crimes na zona rural e conselhos de segurança nos municípios que ainda não têm.

Energia: luz não chega e conta sobe

Os eventos climáticos extremos dos últimos meses deixaram centenas de milhares de unidades consumidoras sem energia no Paraná, segundo a própria Copel. Em diversos municípios, produtores ficaram no escuro e perderam a produção de leite por falta de refrigeração, enquanto outros tiveram que usar geradores para garantir a alimentação dos animais. A pecuarista Simone de Paula, de Rondon, passou quase cinco dias sem luz. Já o piscicultor Claus Lemmert, de Marechal Cândido Rondon, precisou ligar dois geradores para oxigenar os tanques, um gasto adicional de R\$ 7,8 mil por dia em diesel.

Mesmo assim, em junho, a tarifa da Copel subiu 20,51%, autorizada pela Agência Nacional de Energia Elétrica (Aneel), acima da inflação de 2025, de 4,26%. No mesmo ano, a companhia lucrou R\$ 2,66 bilhões. Por conta deste cenário caótico, o Sistema FAEP levou o problema a audiências públicas da Aneel e do Senado e, em julho, acionou o Ministério Público do Paraná e o Ministério Público junto ao Tribunal de Contas da União (TCU).

“Essa situação de inoperância e descaso se arrasta há muito tempo. É inadmissível a falta de ações efetivas por parte da Copel”, afirma Meneguette. Em cadeias como piscicultura, avicultura, suinocultura e pecuária de leite, lembra o dirigente, poucas horas sem energia já significam morte de animais, perda de produção e prejuízos financeiros para o produtor.

Por isso, o Plano Diretor aponta a necessidade de um Plano Estadual de Modernização da Infraestrutura Elétrica Rural e mais recursos para o Programa Paraná Energia Rural Renovável (RenovaPR), que apoia a geração distribuída de energia a partir de fontes renováveis, inclusive com armazenamento. A entidade também pede um convênio entre Aneel e Agência Reguladora do Paraná (Agepar) para descentralizar a fiscalização, além de um planejamento energético regional.

Estradas rurais: o primeiro elo da logística

É pela estrada rural que sai quase tudo o que o Paraná produz. Porém, a situação precária hoje encarece o chamado “Custo Brasil”, fazendo com que o custo de produção aumente para o produtor e o alimento chegue mais caro à população. De acordo com estudo do Grupo de Pesquisa e Extensão em Logística Agroindustrial (ESALQ-LOG), da Escola Superior de Agricultura Luiz de Queiroz (ESALQ/USP), em parceria com a Confederação Nacional da Agricultura (CNA), as deficiências das estradas vicinais custam ao país R\$ 6,4 bilhões por ano em despesas operacionais extras.

O Paraná tem uma malha de 170 mil quilômetros de estradas vicinais — a quarta maior do país —, dos quais 16,9 mil quilômetros são terciários (9,94% da extensão total). Pela relevância produtiva, 23 das 39 microrregiões do Estado estão entre as prioritárias para investimento nessas vias. Ainda, a região de Guarapuava, com cinco grupos de alta produção, lidera o ranking estadual e está entre as dez primeiras do país, segundo o economista e doutor em Economia Aplicada pela ESALQ/USP Everton Lima Costa, que integrou a equipe do estudo.

Atualmente, diversos gargalos oneram e dificultam o escoamento da produção: drenagem deficiente, falta de cascalhamento, estradas com capacidade limitada, pontes de madeira sem manutenção e prefeituras sem equipamentos suficientes. “O apoio aos municípios pode ser intensificado para que isso seja um problema menor na vida das comunidades rurais”, defende o pesquisador.

No total, o estudo estima que adequar a malha vicinal prioritária do Estado (terciárias e não classificadas) em situação precária custaria R\$ 1,9 bilhão por ano. “As estradas vicinais são os meios principais de deslocamento da produção, mas, também, têm relevância social do ponto de vista do bem-estar das comunidades que moram no campo, da acessibilidade e da garantia de direitos como o acesso à educação e à saúde”, destaca Costa.

Diante desse cenário, o Sistema FAEP propõe ao próximo governo um Programa Estadual Permanente de Estradas Rurais, com recursos contínuos e critérios técnicos de priorização, além de um fundo de apoio aos municípios, a modernização das pontes rurais e planos municipais de logística rural.



R\$ 207,5
bilhões em
dívidas rurais

Saldo problemático até julho *BC

-71,2% no
número de apólices do
seguro rural 2021/25

(Mapa)

R\$ 622,4 bi
valor do Plano Safra 2026/27

-7% do valor defendido pelo Sistema FAEP

Plano Safra: o agro precisa de previsibilidade

“O crédito é o combustível para sair a safra”, diz Pedro Loyola, coordenador do Observatório do Seguro Rural do Centro de Estudos do Agronegócio da FGV (FGV Agro). Mas, segundo o especialista, sem gestão de risco (seguro rural, proteção de preços, zoneamento agrícola), o produtor fica exposto a perdas que se transformam em dívida. Os números ajudam a dimensionar o problema: a safra 2025/26 encerrou, em junho, com R\$ 344,9 bilhões efetivamente desembolsados em crédito rural no país, de acordo com o Sistema de Operações do Crédito Rural e do Proagro (Sicor) do Banco Central, desconsideradas as Letras de Crédito do Agronegócio (LCAs) lastreadas em Cédulas de Produto Rural (CPRs). O volume ficou 10,1% abaixo ao da safra anterior.

Desse total, o Programa Nacional de Fortalecimento da Agricultura Familiar (Pronaf) respondeu por R\$ 68,7 bilhões, o Programa Nacional de Apoio ao Médio Produtor Rural (Pro-namp) por R\$ 62,2 bilhões, e os demais produtores, por R\$ 214 bilhões. O ciclo terminou ainda sob juros elevados, com a Selic em 14,25% ao ano.

Dados do Banco Central relativos a julho mostram ainda que a inadimplência no crédito rural de pessoas físicas chegou a 15,53% nas operações a taxas de mercado, contra 3,67% nas operações a taxas reguladas.

Neste contexto, o Sistema FAEP pede ao próximo governo federal que trate o Plano Safra como política de Estado, com previsibilidade plurianual e recursos para equalização, mais acesso e integração entre crédito, seguro e gestão de risco.

Inclusive, como forma de contribuir, o Sistema FAEP, junto dos sindicatos rurais e outras entidades do setor agropecuário paranaense, todos os anos, elabora um documento com as propostas, que é enviado ao governo federal. A iniciativa reforça o protagonismo do Paraná na formulação do Plano Safra e evidencia a articulação do setor produtivo paranaense junto aos Poderes Executivo e Legislativo na construção das diretrizes da política agrícola.

Endividamento: renegociação não sai do papel

A Medida Provisória 1.376/2026 criou o programa de renegociação, com adesão até 12 de novembro. Porém, na prática, quase nada avançou. Levantamento do Sistema FAEP com sindicatos rurais de Guarapuava, São Mateus do Sul, Maringá e Guamiranga mostra poucos enquadramentos, novas garantias exigidas e bancos oferecendo juros de 19% quando a dívida original era de 14% a 16%. Em Guarapuava, apenas um produtor da agência local se enquadrou; em São Mateus do Sul, cerca de 12% das propostas foram aceitas.

“Entre todos os clientes e produtores que chegaram até mim, apenas um conseguiu efetivamente se enquadrar nessa linha de composição. Foi uma exceção”, relata a advogada Tatiana Gaertner, especialista em Direito do Agronegócio.

Diante da insuficiência das linhas rurais com recursos controlados ou subsidiados, ela conta que muitos produtores recorreram a crédito livre ou comercial, com taxas mais altas e prazos incompatíveis com o ciclo produtivo. “Em vários casos, a dívida anterior foi incorporada a uma nova operação, mais cara, sem que houvesse recuperação da capacidade de pagamento. O resultado foi o crescimento progressivo do passivo.”

Para Tatiana, a MP até pode ajudar em situações específicas, mas não resolve a crise estrutural. “Os critérios de enquadramento são restritivos. Além disso, algumas instituições exigem alienação fiduciária de imóveis e outras garantias que muitos produtores não conseguem oferecer”, destaca.

Diante desse quadro, o Sistema FAEP defende que o próximo governo federal vá além de programas extraordinários e crie uma política permanente de reestruturação financeira, com critérios técnicos, transparência e previsibilidade. “O descaso com a situação dos produtores rurais ultrapassou os limites do aceitável. São necessárias medidas práticas e eficazes, de forma urgente”, cobra Meneguette.

Seguro rural: prevenir custa menos que socorrer

Para Loyola, o modelo de política agrícola “chegou ao seu esgotamento”. “O produtor rural está na UTI”, resume. Como sintomas, cita a inadimplência acima de 8%, os leilões de propriedades e as recuperações judiciais no meio rural. E aponta outro agravante: problemas climáticos que ocorriam a cada cinco ou sete anos hoje se repetem a cada três, atingindo vários Estados ao mesmo tempo.

Enquanto o risco cresce, a proteção encolhe. A área segurada no país caiu mais de 75% desde 2021 e, no Paraná, as apólices passaram de 82,19 mil para 9,24 mil no mesmo período. O orçamento do Programa de Subvenção ao Prêmio do Seguro Rural (PSR) caiu de R\$ 1 bilhão para cerca de R\$ 473 milhões em 2026. Na proposta para 2027, do R\$ 1,2 bilhão previsto, só R\$ 318,5 milhões (27%) têm fonte livre garantida.

As contas do FGV Agro indicam que um valor equivalente ao custo anual estimado pelo governo de R\$ 3,6 bilhões da equalização de juros da renegociação, se aplicado na subvenção ao seguro rural, poderia proteger 20,5 milhões de hectares e R\$ 112 bilhões em capital segurado. “Não adianta dar crédito se não tem proteção”, resume Loyola.

O especialista defende, ao menos, 20% da área agrícola segurada em quatro anos e lembra que os Estados Unidos aplicam cerca de cem vezes mais que o Brasil. “O governo federal deveria olhar para a experiência internacional e entender o que os países mais maduros em termos de política agrícola fizeram”, comenta.

Uma possível resposta acaba de ser sancionada pelo presidente da República. O PL 2.951/2024, agora Lei 15.526/2026, prevê que a subvenção ao seguro rural terá execução obrigatória, restrita ao montante proposto no Projeto de Lei Orçamentária Anual (PLOA). A nova lei também estabelece condições de crédito mais favoráveis para produtores que contratam seguro, fixa prazos para regulação e pagamento dos sinistros e define bases para a implementação do fundo de cobertura de catástrofes. Enquanto aguarda a efetiva execução do que foi aprovado, o Sistema FAEP repete o alerta ao futuro governante: mais do que programas extraordinários de renegociação, o país precisa de uma política permanente de reestruturação financeira, com critérios técnicos, transparência e previsibilidade.

“O produtor não pode depender de socorro emergencial depois que o prejuízo já aconteceu. Precisamos de um instrumento de proteção com regras claras e indenização ágil e garantida”, afirma Meneguette. “O Brasil precisa estabelecer uma política permanente de gestão de riscos, com orçamento previsível, ampliação da cobertura e integração entre seguro rural, crédito e programas de renda para os produtores”, complementa.



Plano Diretor do Agronegócio Paranaense 2027/30

Confira as principais demandas, entre as 360 propostas apresentadas, para subsidiar o plano de governo do próximo governador do Paraná:

Educação profissional agrícola: propõe modernizar a infraestrutura dos colégios agrícolas conforme as demandas do agronegócio e criar cotas e bolsas de estudo em cursos de Ciências Agrárias para egressos dessas escolas;

Outorgas de uso da água: solicita fiscalização orientativa (não punitiva) e isenção de taxas para pequenas propriedades;

Conectividade rural: defende a universalização do acesso à internet no campo como infraestrutura essencial à agricultura digital;

Crédito rural: pede ampliação das linhas de investimento, especialmente para armazenagem de grãos e sucessão familiar;

Seguro rural estadual: solicita a inclusão da soja no programa de subvenção e ampliação progressiva do orçamento estadual.



Propostas ao Candidato a Presidente da República 2026

Aqui estão algumas das pautas técnicas e jurídicas prioritárias do setor agropecuário para subsidiar o plano de governo do futuro presidente da República:

Cadastro Ambiental Rural (CAR): solicita que a plataforma nacional do CAR funcione plenamente integrada aos sistemas estaduais, com dados atualizados;

Reforma tributária: pede a vedação expressa de cobrança de tributo sobre tributo durante o período de transição;

Embargos rurais e acesso ao crédito: defende o devido processo legal antes de qualquer restrição de crédito por suspeita de desmatamento;

Restrições ambientais à propriedade: pede indenização justa e prévia quando restrições esvaziarem o valor econômico do imóvel;

Escala 6x1: defende vetar qualquer alteração de jornada e, subsidiariamente, tratamento diferenciado para o campo, que preserve a sazonalidade das safras.



NOTAS

Pesquisa envolvendo abelha e soja

No dia 25 de setembro, o Sistema FAEP esteve reunido com pesquisadores do NAPI Abelhas para discutir formas de levar os resultados das pesquisas aos produtores rurais. O grupo, que reúne instituições de ensino e pesquisa do Paraná (UTFPR, Unioeste, Unila, UEM, UEL, UFPR, Unicentro e Fundação Araucária), estuda temas como diversidade das abelhas, polinização, qualidade dos produtos apícolas e riscos associados ao uso de defensivos agrícolas. As possibilidades debatidas envolvem avaliar a atuação das abelhas como polinizadoras em lavouras de soja, considerando os efeitos tanto na produtividade agrícola quanto na apicultura, além de pesquisa aplicada, capacitação e divulgação de informações técnicas sobre manejo de abelhas em áreas agrícolas e redução de riscos aos polinizadores.



Curso exclusivo para produtoras

A Comissão de Mulheres do Sindicato Rural de Campo Mourão promoveu, em 17 de setembro, uma turma exclusiva para produtoras do treinamento “Manejo sem nada nas mãos”, realizado em parceria com a MSD Saúde Animal e a Coamo. A capacitação, que reuniu 24 participantes, apresentou técnicas de condução de bovinos baseadas na linguagem corporal e no comportamento natural dos animais, contribuindo para a redução do estresse e para o bem-estar dos animais.



Classificatórias do Ideathon 2026

O Ideathon 2026, promovido pelo Sistema FAEP, realizou sete classificatórias regionais, envolvendo 360 estudantes de 35 colégios agrícolas. Somente em agosto e setembro, a maratona de inovação teve cinco etapas, que reuniram 257 estudantes de 26 colégios agrícolas de diferentes regiões do Paraná. Em Santa Mariana, participaram 50 alunos de cinco escolas do Norte Pioneiro. Guarapuava recebeu 60 estudantes de seis instituições do Centro-Sul, enquanto Diamante do Norte reuniu 50 jovens de cinco escolas do Noroeste. Em Palmeira, a programação envolveu 47 alunos de cinco instituições dos Campos Gerais. Já em Clevelândia, foram 50 estudantes de cinco unidades de ensino do Sudoeste. A etapa final está marcada para 18 de novembro, em Curitiba, com 35 estudantes.

Mobilização feminina em Maringá

No dia 10 de setembro, o presidente do Sistema FAEP, Ágide Eduardo Meneguette, participou do 18º Encontro de Mulheres Rurais, promovido pelo Sindicato Rural de Maringá, por meio da Comissão de Mulheres local. O evento reuniu 250 participantes em uma programação voltada à capacitação, troca de experiências e fortalecimento da presença feminina no setor agropecuário. As atividades abordaram conteúdos técnicos, institucionais e comportamentais relacionados ao cotidiano no campo e à atuação das mulheres no agro.



Valorização das fibras naturais abre portas para cotonicultura paranaense

Estado busca a retomada da produção de algodão e expansão da cultura, que traz benefício para soja, milho e trigo quando entra em rotação

Ricardo Padulla arrendou uma área de 35 hectares no município de Santo Inácio, na região Norte do Paraná, para o cultivo de algodão. Após avaliar a capacidade produtiva e planejar o plantio, a intenção do produtor é iniciar a semeadura até a primeira quinzena de novembro. A vontade de investir na cotonicultura surgiu quando Padulla percebeu o potencial da cultura para sua região, bem como a organização da cadeia produtiva.

“É uma cultura que se adapta bem ao solo de arenito e que tolera as adversidades climáticas que a gente tem, como os veranicos. Então, acredito que o algodão se adapte até melhor do que a soja na nossa região. E como é uma ca-

deia bem-organizada, resolvi apostar”, conta o produtor.

O interesse de Padulla na cotonicultura é justificado. Maior exportador mundial de algodão, o Brasil deve somar mais de 4 milhões de toneladas de pluma na safra 2025/26, segundo estimativa da consultoria Agroconsult — um recorde histórico. A alta produtividade do algodão brasileiro vem acompanhada de um movimento de maior preocupação, por parte tanto de cientistas quanto de consumidores, em relação à sustentabilidade. As fibras naturais, como o algodão, são uma boa escolha nesse sentido, uma vez que tecidos sintéticos, como o poliéster e o nylon, acabam por disseminar microplásticos.

De acordo com dados do Programa das Nações Unidas para o Meio Ambiente (Pnuma), cerca de 35% dos microplásticos nos oceanos foram originados pela lavagem de tecidos sintéticos. Já um estudo da Universidade de Newcastle, na Austrália, encomendado pelo World Wide Fund for Nature (WWF), revelou que cada pessoa consome em média cinco gramas de plástico por semana, o equivalente ao peso de um cartão de crédito. Isso acontece porque os microplásticos podem estar presentes na água, em alimentos e até no ar. Segundo especialistas, os efeitos desse tipo de substância no organismo podem incluir, por exemplo, alterações hormonais e celulares.



“Quando nós olhamos as evidências e os estudos científicos, a dimensão do problema é sistêmica. Então, a solução também precisa ser sistêmica. O agronegócio pode ter um papel relevante se colocar como alternativa alguns produtos”, disse Michel Rodrigues dos Santos, gerente de Políticas Públicas e Advocacy do WWF-Brasil, durante o 15º Congresso Brasileiro do Algodão, que aconteceu em setembro, em Belo Horizonte (MG). O Sistema FAEP, em parceria com a Associação dos Cotonicultores Paranaenses (Acopar), promoveu a ida de uma comitiva de 20 produtores paranaenses ao evento, que contou com palestras sobre pesquisas, boas práticas e panorama global e nacional da cotonicultura.

Almir Montecelli, presidente da Acopar, acredita que a popularização de roupas vindas da China contribui para o debate sobre as vantagens dos tecidos naturais. Portanto, para o dirigente, o momento de investir em fibras como o algodão é agora.

“Esse problema do microplásticos já é conhecido há algum tempo. Médicos e mães sabem muito disso. Toda mãe sabe a importância de colocar uma roupa de algodão num bebê”, aponta.

Produtor de algodão há três safras, em sistema de rotação com a soja, **José Antônio Borghi**, presidente do Sindicato Rural de Maringá, também acredita que o consumo sustentável abre portas para a cotonicultura paranaense.



cenário atual favorece o reposicionamento da atividade rural paranaense frente às novas demandas do mercado global.

“A busca por fibras naturais e o debate sobre a sustentabilidade abrem uma janela de oportunidade para o Paraná. O algodão já teve um papel histórico no nosso Estado e, hoje, com tecnologia, assistência técnica e organização da cadeia, temos todas as condições de reconquistar esse espaço e agregar ainda mais valor à produção paranaense”, avalia.

Algodão no Paraná

Há quase 35 anos, na safra de 1991/92, o Paraná era o maior produtor de algodão do Brasil, com 709 mil hectares cultivados, equivalentes a 36% da área nacional. No entanto, a infestação do bicudo-do-algodoeiro, a expansão da soja e as dificuldades econômicas na época levaram ao declínio da cultura no Estado. Hoje, há somente 1,7 mil hectares de algodão em solo paranaense, ou seja, 0,2% da área plantada durante o auge.

Hoje, com avanços em tecnologia e manejo, os produtores de algodão tentam reconquistar esse espaço. A Acopar atua nesse sentido, oferecendo a cotonicultores assistência especializada, maquinário para colheita e transporte, além de auxílio na comercialização da produção.

Getúlio Frederico Neto, de Ibiaporã, conta com auxílio da Associação em questões como escolha do cultivar, manejo de solo, adubação e venda. Agora, no terceiro ano de produção de algodão em rotação com trigo, o produtor avalia como positivos os resultados.

“Tive uma ótima produção até agora. Neste ano, a gente também está com expectativa alta para produzir”, relata.

Diversidade e produtividade

O algodão traz benefícios quando utilizado na rotação de culturas. Isso acontece porque ajuda a quebrar o ciclo de pragas e doenças, melhorando a absorção de nutrientes pelo solo na lavoura semeada posteriormente.

“A cultura do algodão apresenta diversas vantagens para o produtor rural. Quem começa a plantar passa a produzir também mais soja e milho após a rotação”, afirma Wilson Paes, consultor da Acopar.

Por 40 anos, até se aposentar em 2015, Paes foi pesquisador do então



Instituto Agrônomo do Paraná (Iapar), que hoje integra o Instituto de Desenvolvimento Rural (IDR-Paraná). Lá, o especialista trabalhou com tecnologia e produção de sementes, melhoramento de algodão e, depois, liderou o programa de pesquisas do órgão. Assim, pôde acompanhar diversos estudos que demonstram os benefícios da cotonicultura.

“Após uma lavoura de algodão, a produtividade da soja tende a aumentar até 20%. Então, podemos dizer que o algodão aumenta a lucratividade do produtor de soja”, diz. “Muitos agricultores têm dificuldade em ingressar no algodão porque é uma cultura mais téc-

nica, de ciclo mais longo, então exige mais de atenção, avaliação da lavoura e monitoramento de pragas para ter sucesso. Mas aí entra a Acopar, que oferece o corpo técnico para assistir os produtores”, afirma Paes.

Em sua propriedade, Borghi constatou lucratividade com o algodão e chegou a aumentar a área dedicada à cultura, passando de 20 a 100 hectares ao longo de três safras.

“É uma alternativa interessante para a rotação de cultura”, avalia. “Além disso, contribui para a versatilidade da produção. Quanto mais você diversifica, mais mitiga risco e agrega alternativas de rendimento à atividade rural”, resume.



Dia de Campo de Solos

O Sistema FAEP e o Instituto de Desenvolvimento Rural do Paraná (IDR-Paraná) promoveram cinco Dias de Campo sobre conservação e manejo do solo em agosto e setembro. Os encontros reuniram quase 500 participantes, entre produtores rurais e técnicos em atividades voltadas às características de cada região. Em Toledo, 100 pessoas participaram das atividades em uma área cedida pelo Novo Arranjo de Pesquisa e Inovação Prosolo (Napi Prosolo/Rede Agropesquisa). A etapa de Umuarama reuniu 80 participantes na Fazenda Flamboyant. Em Cruzeiro do Sul, 70 pessoas acompanharam atividades sobre integração lavoura-pecuária. Já em Irati, o encontro reuniu 117 participantes na Estação de Pesquisa do IDR-Paraná. Em Cambará, 73 pessoas realizaram atividades na Fazenda Santa Mônica e o Sítio São Manuel.



Turismo rural na prática

No dia 25 de setembro, 40 participantes dos cursos de turismo rural dos sindicatos de Nova Santa Rosa e Manoel Ribas realizaram uma viagem técnica a Cianorte. O grupo visitou quatro propriedades que recebem turistas, para observar, na prática, como funcionam as atividades estudadas em sala de aula. Cianorte foi escolhida pela diversidade de propriedades dedicadas ao turismo rural e experiência dos produtores locais na recepção de visitantes.



Da criação ao frigorífico

No dia 16 de setembro, produtores rurais de Teixeira Soares, Fernandes Pinheiro, Irati e Prudentópolis, além de integrantes da turma de Assistência Técnica e Gerencial (ATeG) de ovinos de Rio Azul, participaram de uma visita técnica em Guarapuava. Na ocasião, o grupo de 21 pessoas, acompanhado pela médica-veterinária Thais Gavlak, conheceu o frigorífico da Cooperalliança, acompanhou o abate de ovinos e visitou a propriedade de um cooperado.

Encontro de Gestores e Mobilizadores

O Sistema FAEP reuniu 238 colaboradores de 139 sindicatos rurais, no dia 1º de outubro, em Curitiba, para a 4ª edição do Encontro de Gestores e Mobilizadores. Com o tema “Conhecimento em movimento, Agro que avança”, o evento marcou a conclusão da trilha de capacitação Mobilizador S. A programação combinou integração, troca de experiências e atividades voltadas à atuação dos sindicatos. O encontro também abordou o papel da gestão e os projetos financeiros do Projeto Sindicato Protagonista (PSP), com apresentação dos resultados das atividades desenvolvidas pelas regionais.



Quem inspirou Dick Vigarista?

Personagem que chegou à televisão brasileira em 1969 é conhecido por arquitetar trapaças que sempre acabavam dando errado



Assim que é dada a largada, no primeiro episódio da animação “Corrida Maluca”, todos os pilotos permanecem parados, porque seus carros foram acorrentados a um poste. Quem bôlou a trapaça foi Dick Vigarista, ao lado de seu ajudante canino **Muttley** (também conhecido como Rabugento). Empolgado com a possibilidade de tirar vantagem na corrida, Vigarista acaba engatando a ré por engano e batendo no poste, consequentemente soltando os automóveis de todos os seus adversários. Essa era a sina do vilão atrapalhado: arquitetar sabotagens que sempre se voltavam contra si.

Criada em 1968, a “Corrida Maluca” é uma animação do estúdio Hanna-Barbera, absorvido pela Warner Bros em 2001. O desenho estreou no Brasil em 1969, transmitido pela TV Tupi e, posteriormente, por emissoras como Rede Globo, TV Bandeirantes, SBT e Rede Manchete, além de canais pagos. Com apenas uma temporada de 34 episódios, o programa ganhou o coração das crianças e adolescentes brasileiros até o início dos anos 2000, quando deixou gradualmente de ser exibido na TV aberta.



Sarcástico e rabugento, Dick Vigarista era um dos personagens mais marcantes do desenho animado e servia como uma espécie de lição de moral ambulante para o público infantil: se tentar trapacear, quem vai se dar mal, no fim das contas, será você. Para criar uma autêntica aura de “pilantra” para o vilão, uma das inspirações foi o personagem Professor Sina, do filme “The great race” (A corrida do século), de 1965. O longa-metragem é uma comédia pastelão estadunidense e retrata uma corrida automobilística de Nova York a Paris.

A trama gira em torno do mocinho Leslie “O Grande Leslie” Gallant III, interpretado por Tony Curtis, e do seu rival, o Professor Sina, papel do ator **Jack Lemmon**, com seu pitoresco bigode e cartola preta. Quando o Grande Leslie propõe a corrida intercontinental de automóveis, seu inimigo se propõe a vencê-lo, pilotando um carro criado por si próprio.

Outra inspiração para Dick Vigarista teria sido o ator britânico Terry-Thomas (1911–1990), dono de um bigode e de uma expressão sarcástica que lembram os traços do personagem animado. Ele seria baseado, ainda, em vilões clássicos do cinema mudo, que, na ausência de sons ou entonação vocal, tinham de expressar toda sua maldade por meio de trejeitos vagerados e gargalhadas performáticas.

Embora não tenha cruzado a linha de chegada em nenhum dos episódios, Dick Vigarista conquistou espaço na cultura popular. Ele ganhou uma série à parte: “Dick Vigarista & Muttley”, também de 1969, com uma temporada de 17 episódios e que eternizou a música “Pegue o pombo”. Além disso, aparece no *reboot* da “Corrida Maluca” de 2017, exibido pelo canal Boomerang. Hoje, para assistir ao desenho animado, é preciso recorrer aos serviços de streaming.



curiosidade

Dick Vigarista virou apelido do piloto de Fórmula 1 **Michael Schumacher**, tanto pelo queixo proeminente, quanto pelas manobras agressivas e atitude competitiva do alemão.



Rodada de Negócios aproxima produtor do comprador de café

Evento vai reunir os 30 melhores lotes selecionados em análise técnica, que vão estar à disposição de cafeterias e empresas do ramo

Os cafés especiais paranaenses têm encontro marcado com o mercado. A 2ª Rodada de Negócios, que faz parte da programação do Concurso Café Qualidade Paraná 2026, será realizada em 17 de novembro, no Museu Oscar Niemeyer (MON), em Curitiba. Promovida pela Câmara Setorial do Café do Paraná, que reúne Sistema FAEP, Secretaria de Estado da Agricultura e do Abastecimento (Seab) e Instituto de Desenvolvimento Rural do Paraná (IDR-Paraná), e Capricornio Coffees, a iniciativa aproxima produtores e compradores em um ambiente estruturado para apresentação dos lotes, degustação (cupping) e negociação direta.

Nesta edição, 70 produtores inscreveram lotes e a expectativa é que o evento reúna mais de 50 compradores. Cafeterias, torrefações e demais agentes do mercado de cafés especiais podem se inscrever como compradores até 16 de novembro pelo link disponível no site do Sistema FAEP.

“A Rodada de Negócios permite que o cafeicultor paranaense sente à mesa com quem compra, apresente seu produto e abra portas em mercados especializados, que valorizam a qualidade e pagam mais. É o esforço do produtor transformado em renda”, afirma o presidente do Sistema FAEP, Ágide Eduardo Meneguette.

Do campo à mesa de negociação

O caminho até a Rodada de Negócios começa na propriedade. Um técnico do IDR-Paraná coleta dois quilos de amostra de cada lote inscrito, identifica o material e lacra o produto, garantindo a rastreabilidade. As amostras seguem para análise física e sensorial realizada pela Capricornio Coffees, com base na metodologia da Specialty Coffee Association (SCA). Para participar, o café precisa alcançar, no mínimo, 82 pontos. Os 30 lotes mais bem ranqueados garantem vaga.

Os lotes devem ser 100% arábica, com volume entre 30 e 60 quilos, tipo 2/3 ou melhor, peneira 16 ou superior e umidade máxima de 11,5%. O ranking completo é mantido em sigilo, para que os compradores avaliem cada café sem influência prévia durante o cupping.

No dia 17 de novembro, a Rodada de Negócios acontece pela manhã, no Salão de Vidro do MON. As sessões de cupping ficam a cargo da Lucca Cafés Especiais. Depois da prova, cabe ao produtor apresentar seu café e negociar diretamente com os interessados preço, volume, entrega e logística, sem intermediação da organização.

Qualidade que vira negócio

Para quem participou da primeira edição, o saldo foi positivo. Paranaense e fundador do Moka Clube, criado em Curitiba em 2012, **Hugo Rocco** percorre o país em busca de lotes para assinaturas, lojas e mais de 300 cafeterias atendidas pela empresa. Na primeira Rodada, Rocco arrematou o café de Sirlene dos Santos Souza, vencedora da edição 2025 do Concurso Café Qualidade Paraná na categoria Cereja Descascado. “Comprei um só, mas tive a sorte de comprar o campeão”, conta. “A rodada transforma qualidade em negócio. Para quem compra café, poder provar, conversar com quem produziu e entender a história daquele lote encurta muito o caminho”, avalia.

Com mais de 20 anos no mercado, o barista, mestre de torra certificado pela SCA e consultor **Eduardo Scorsin** ajudou na organização da primeira edição e, por isso, optou por não comprar lotes naquela ocasião. Neste ano, ele participará exclusivamente como comprador. “O formato aproxima compradores e produtores de um jeito direto. Você prova o café, conversa sobre o processo, entende a origem”, conta.

Scorsin recomenda que o produtor chegue bem-preparado para negociar, com lote pronto para comercialização e preço competitivo em relação a cafés de perfis equivalentes.



Evento colocou café de Ivaiporã no radar de diversas cafeterias

No distrito de Jacutinga, em Ivaiporã, no Vale do Ivaí, a família do produtor Lucas Ravar, associado ao sindicato rural local, cultiva café há mais de 100 anos, com o conhecimento passando de geração em geração. A pequena propriedade familiar tem 25 mil pés e trabalha, desde 2018, tanto com café commodity quanto com especiais.

A produção de especiais é focada em nano e microlotes, justamente porque todo o processo é artesanal. “A colheita e a secagem são todos processos manuais. A gente foca em qualidade”, explica. Os primeiros lotes especiais da família alcançaram 83 pontos e, logo na estreia no Concurso Café Qualidade Paraná, em 2018, garantiram o quinto lugar no Estado. Hoje, a propriedade produz cafés entre 85 e 88 pontos, e alguns microlotes já chegaram a 90.

A família também agregou valor ao grão. Com uma microtorrefação na propriedade, criou a marca Café Ravar, que leva o sobrenome da família e é vendida em feiras, pelo site próprio e no comércio da região. Os cafés ainda competem em concursos locais, como os da tradicional Festa do Café de Jacutinga e da Expo Vale.

Na Rodada de Negócios em 2025, o café de Lucas foi um dos mais procurados para comercialização. O microlote apresentado, avaliado entre 89 e 90 pontos, movimentou a mesa da família ao longo do evento. Mesmo com o interesse, eles preferiram reservar o volume para vender o café já torrado, com a própria marca.

O resultado mais valioso, segundo ele, veio depois. “A gente fez contato com todas as cafeterias que passaram por lá e mantém esse contato até hoje”, conta. A família confirmou participação em 2026 e já avalia quais lotes levará ao MON.



Nos EUA, produtores do Paraná conectam tecnologias aos desafios do campo

Em setembro, quarto grupo da viagem técnica reuniu 40 participantes, que visitaram centros de pesquisa, propriedades rurais, empresas e entidades de representação

De 7 a 19 de setembro, 40 participantes, entre técnicos do Sistema FAEP, representantes de 29 sindicatos rurais e integrantes de outras organizações, fizeram parte do quarto grupo da viagem técnica promovida pela entidade aos Estados Unidos em 2026. Na ocasião, as visitas passaram por empresas de tecnologia, universidades, propriedades e entidades de representação, fomentando o conhecimento da aplicação de inteligência artificial, experiências de

pesquisa e formas de gestão da produção rural. As agendas buscaram demonstrar aos produtores paranaenses soluções para problemas encontrados no campo.

Com o quarto grupo, representantes de 111 sindicatos rurais do Paraná já participaram das viagens técnicas realizadas pelo Sistema FAEP em 2026. As delegações anteriores estiveram nos Estados Unidos em maio, julho e agosto. Uma quinta comitiva está programada para outubro.

Conhecimento da produção

Na Califórnia, a EarthOptics apresentou uma forma de reunir informações biológicas, químicas e físicas do solo, incluindo dados sobre nutrientes e compactação. Para Sidney Lujan, presidente do Sindicato Rural de Umuarama e produtor de bovinos nas atividades de cria, recria, engorda e confinamento, o interesse está em identificar com maior precisão as necessidades de cada área, além de direcionar investimentos e evi-

tar gastos onde uma intervenção não é necessária.

“Uma análise como a que vimos traz vários itens complementares em que podemos notar onde a nossa terra está deficiente”, afirmou.

Conhecer a propriedade também apareceu como condição para usar ferramentas de inteligência artificial na comercialização. Na Agro AI, o grupo viu aplicações capazes de processar informações de mercado e apoiar análises sobre preços e momento de venda. **Marcelo Valdevino da Luz**, produtor de café e presidente do Sindicato Rural de Carlópolis, já utiliza sistemas para acompanhar custos e dados da produção. Para ele, a visita reforçou que a utilidade da IA depende da qualidade das informações fornecidas pelo próprio produtor. “Quanto melhores os dados, melhor tende a ser o apoio na tomada de decisão”, observou.

Uso de satélites

Ainda na Califórnia, na **Planet Labs**, imagens frequentes de satélite e análise de dados foram apresentadas como instrumentos para acompanhar o desenvolvimento das lavouras, identificar alterações nas áreas agrícolas e produzir estimativas de rendimento antes da colheita. Para o produtor de grãos César Bronzel, presidente do Sindicato Rural de Campo Mourão, a possibilidade de perceber um problema mais cedo, por meio das imagens via satélite, pode antecipar a resposta do produtor. “Se você começa a detectar uma doença, tipo ferrugem, acelera o processo de passar o fungicida e pode evitar um grande prejuízo”, exemplificou.

A visita também abriu uma linha de investigação para Deborah Gerda de Geus, suinocultora, presidente da Comissão Técnica de Suinocultura do Sistema FAEP e representante do Sindicato Rural de Tibagi. Ela avalia se as imagens podem ajudar a localizar áreas atingidas por javalis e dimensionar os danos provocados pelos animais, como perdas nas lavouras e os riscos sanitários.

Na pecuária, o interesse recaiu sobre o acompanhamento das pastagens.



Mário Zafanelli, pecuarista e vice-presidente do Sindicato Rural de Umuarama, observou que informações sobre a condição da vegetação poderiam antecipar decisões de manejo. “Pelas imagens via satélite, é possível perce-

ber se determinado pasto já está muito deteriorado e antecipar a decisão de colocar ou retirar um lote daquela área”, afirmou. Ele também apontou as novas ferramentas de monitoramento para a contagem de animais.

Automação e irrigação

A Bonsai Robotics mostrou tecnologias de autonomia para máquinas agrícolas. Para **Orlando de Paula**, produtor de bovinos Nelore de cria, recria e engorda e também de mandioca, e presidente do Sindicato Rural de Rondon, a visita expôs a diferença entre reconhecer um problema e conseguir investir na solução. Assim como nos Estados Unidos, a falta de trabalhadores também atinge propriedades brasileiras, mas o custo de incorporar máquinas autônomas ainda limita sua adoção.

“A nossa mão de obra também está bem escassa. Mas a diferença está na capacidade de incorporar determinadas soluções no atual cenário econômico das propriedades. Essa tecnologia tem um custo alto”, ponderou.

No Nebraska, em visita à Valley Irrigation, a delegação conheceu equipamentos e sistemas que combinam dados meteorológicos, condições do solo e sensores para orientar a irrigação. Também viu alternativas como o pivô rebocável, que pode ser deslocado entre áreas, mas exige mão de obra para essa movimentação.

Produtora de soja e milho em Astorga e vice-presidente do sindicato rural do município, **Ana Cristina Lombeiro Beneti** avalia que a decisão de implantar esse tipo de sistema passa pela origem da água, autorizações necessárias e depende da infraestrutura de energia. O formato do terreno e as diferenças de solo dentro da própria fazenda também pesam. “A gente precisa avaliar para saber a viabilidade e o custo”, afirmou.

Pesquisa na propriedade

Na **Reservoir Farms**, na Califórnia, a delegação conheceu um espaço que aproxima empresas de tecnologia e produtores para testar soluções agrícolas em condições de uso. A experiência interessou a Aristeu Sakamoto, produtor de algodão e presidente do Sindicato Rural de Cambará, porque, segundo ele, uma máquina ou ferramenta que apresenta bons resultados durante o desenvolvimento ainda precisa resistir à rotina de trabalho no campo.



“As ideias precisam ter sua eficiência e eficácia comprovadas no campo. É necessária uma validação para saber se aquilo realmente será útil para quem vai utilizar a tecnologia”, afirmou.

Na Universidade de Nebraska, a pesquisa dentro das fazendas apareceu sob outra forma. A delegação conheceu uma rede de pesquisadores e extensionistas que ajudam a estruturar experimentos para testar produtos, tecnologias e práticas de manejo nas condições de cada propriedade. O produtor participa com suas máquinas e sistema de produção; a universidade acompanha o experimento e analisa os resultados.

A conexão entre pesquisa e lavoura voltou a aparecer na última etapa do roteiro, durante a visita à Bayer, na região de Saint Louis, no Estado de Missouri. A delegação conheceu o uso de análise genética, dados e inteligência artificial na seleção de sementes. O produtor de grãos Harry Antoine Van Noort, tesoureiro do Sindicato Rural de Arapoti, acompanha outra etapa desse processo há oito anos: sua propriedade recebe ensaios de campo da empresa. Em alguns deles, uma área de quatro hectares reúne até 4 mil variedades.

A visita permitiu a Noort conhecer parte do trabalho realizado antes de os materiais chegarem à sua propriedade. Também mostrou por que, mesmo com modelos capazes de antecipar resultados, o desempenho das plantas ainda precisa ser verificado sob as condições reais de cultivo.

Pecuária de dados

Em Iowa, a delegação visitou uma propriedade de pecuária de corte em Scranton na qual os animais são acompanhados desde o nascimento por meio de dados. Pesagens, histórico sanitário e desempenho das crias compõem registros usados na gestão do rebanho.

Para João Paulo Calomeno, agropecuarista, médico-veterinário e diretor-secretário do Sindicato Rural de Jacarezinho, a experiência mostrou o alcance que o acompanhamento individual pode ter na pecuária paranaense. “O produtor vai conhecer um a um, só que eletronicamente”, avaliou.



Segundo Calomeno, os registros permitem relacionar o desempenho dos animais aos custos e identificar onde o investimento traz resultado. A inteligência artificial pode acelerar a análise, desde que a propriedade tenha informações organizadas. “O produtor precisa ter os seus dados e continua sendo o tomador da decisão”, ressaltou.

Sucessão do negócio

A viagem também colocou em discussão a gestão das propriedades nas próximas décadas. Na Iowa State University, a delegação conheceu iniciativas voltadas ao planejamento sucessório.

Para o avicultor José Carlos da Silva Maia, de São João do Caiuá, integrante da delegação, a sucessão já faz parte da gestão familiar. Ele chamou o filho Carlos Eduardo para participar dos negócios da propriedade e acompanha o interesse dos netos pela atividade. “Muitos produtores investem durante a vida, mas, se não houver sucessão, aquilo pode acabar se perdendo pelo caminho”, afirmou. No Paraná, o Sistema FAEP trabalha o assunto com as famílias

por meio de iniciativas como o programa Herdeiros do Campo.

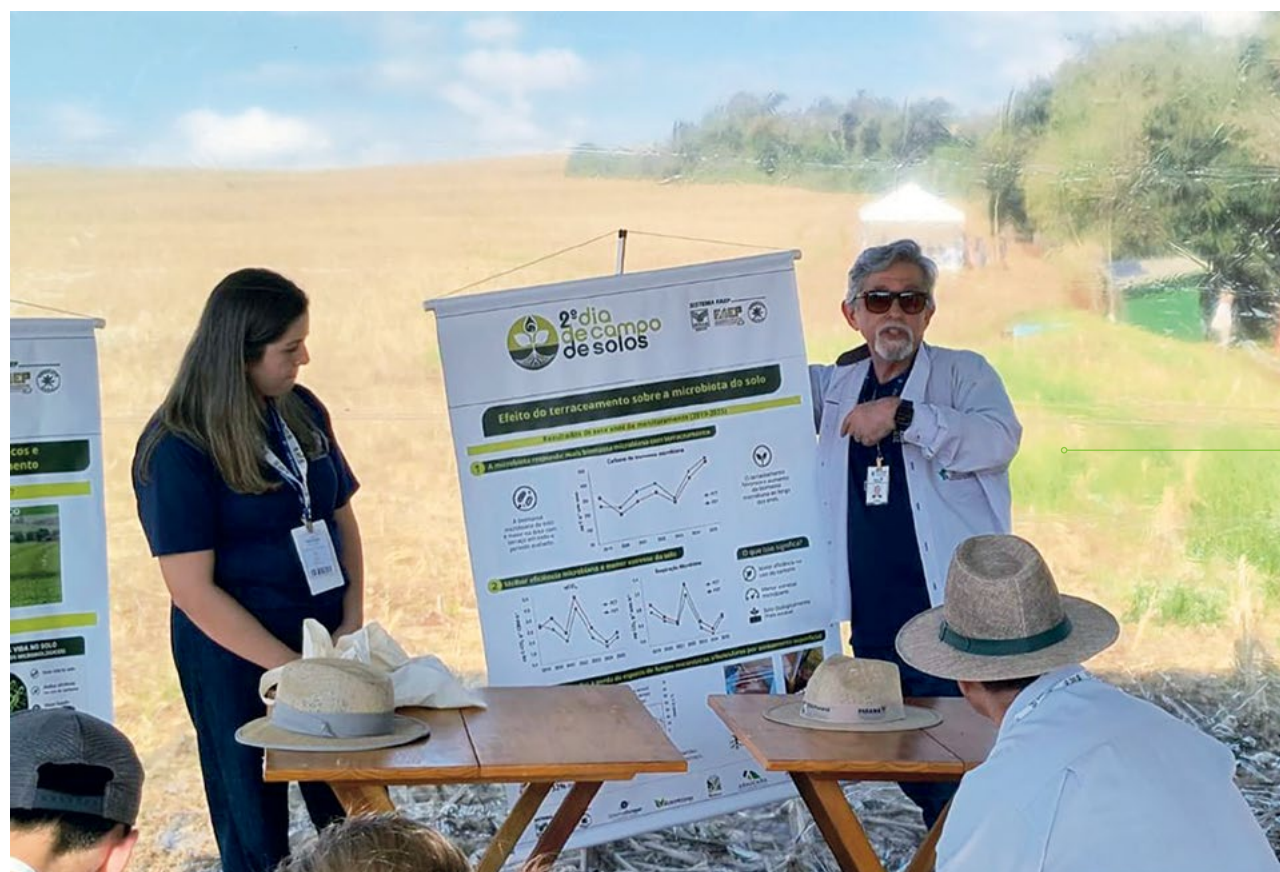
Livaldo Gemin, diretor-secretário do Sistema FAEP e coordenador da quarta delegação, chamou atenção para uma condição essencial desse processo: os jovens precisam encontrar perspectivas de renda na propriedade. “Mostrando que a atividade tem viabilidade econômica, a sucessão familiar passa a ser encarada como algo natural”, avaliou.

No Estado de Illinois, no Madison County Farm Bureau, o grupo conheceu iniciativas para aproximar jovens produtores dos espaços de participação e decisão. Kátia Cristina Garrido, produtora de mandioca e vice-presidente do Sindicato Rural de Santa Cruz de Monte Castelo, relacionou a experiência à formação da comissão de mulheres em seu sindicato, que ajudou a atrair participantes, ampliar cursos e movimentar a entidade.

“Preparar novas lideranças também exige mostrar aos produtores, desde cedo, como podem participar das decisões que afetam o setor”, observou Kátia.

‘Vida invisível’ garante lavouras mais produtivas e economia com adubo

Estudo da Rede Agropesquisa reforça a importância da microbiota para o equilíbrio e a eficiência da agricultura paranaense



Um estudo conduzido pela Rede Paranaense de Agropesquisa e Formação Aplicada (Rede Agropesquisa) mostra que cuidar da “vida invisível do solo” (minhocas, besouros, formigas, fungos e bactérias) significa menos gasto com adubo e defensivo, mais resistência à seca e lavouras mais produtivas. Por muito tempo, a terra foi tratada apenas como um “suporte” para a planta crescer, cheio de nutrientes e minerais. Hoje, a ciência já entende de outro jeito. Atualmente, a Rede Agropesquisa participa do Novo Arranjo de Pesquisa e Inovação Proso (Napi-Proso), com apoio do Sistema FAEP e da Fundação Araucária.

“A biota do solo é fundamental para o sistema solo-planta. Bactérias, fungos, minhocas, besouros, formigas e uma infinidade de outros organismos formam, junto da água, ar e componentes físicos e químicos, o chamado ‘solo vivo’”, explica o pesquisador **Arnaldo Colozzi Filho**, doutor em Agronomia do Instituto de Desenvolvimento Rural do Paraná (IDR-Paraná), em Londrina. “O resultado prático aparece direto no bolso do produtor. A biota vai possibilitar menor adubação com químicos, menor uso de herbicidas e fungicidas. Ou seja, quanto mais ativa e diversificada essa vida no solo, menos insumo externo o produtor precisa usar e maior a rentabilidade da lavoura”, complementa.

A biota decompõe a palhada, recicla os nutrientes e os disponibiliza para a planta absorver. Um exemplo simples disso é a palha que desaparece do chão três meses após a colheita do milho. Isso é resultado do trabalho de insetos, fungos e bactérias fragmentando e decompondo o material e liberando nutrientes de volta ao sistema. Há ainda um efeito de proteção natural contra pragas e doenças, pois alguns organismos podem controlar patógenos de plantas. Um exemplo interessante são fungos de solo que controlam populações de nematoides, organismos que atacam raízes e prejudicam as plantas.

Esse estudo coordenado por Colozzi Filho conta com a participação das pesquisadoras Andrea S. Menoncin (IDR-Paraná) e dos professores Carolina W. Galvão (UEPG), Adriana Knobb (Unicentro), Francieli Gasparotto e Edneia A. S. Pacolla (Unicesumar), Rosilaine Carrenho (UEM) e Dinéia Tessaro e Carlos A. Casali (UTFPR-Dois Vizinhos). Desde 2018, a equipe monitora áreas com e sem terraço em seis regiões do Paraná, acompanhando o que acontece embaixo da terra quando o produtor adota (ou deixa de adotar) práticas conservacionistas.

“O Sistema FAEP tem priorizado pesquisas a campo, porque sabemos que o futuro da agropecuária paranaense passa pela ciência”, destaca o presidente do Sistema FAEP, Ágide Eduardo Meneguette. “É preciso garantir que o solo continue produtivo para as próximas gerações. Por isso, seguimos apoiando essas parcerias com universidades e instituições de pesquisa. É assim que o Paraná se mantém na vanguarda de uma agropecuária moderna, sustentável e competitiva”, completa.

Papel do terraceamento

O terraço é uma estrutura criada para corrigir um desequilíbrio provocado pela própria agricultura. Segundo Colozzi Filho, a função é reduzir o escoamento superficial da água da chuva, fazendo com que permaneça na área e infiltre no solo em vez de escorrer para os rios levando terra, adubo e defensivos.

Sem terraço, o produtor perde em três frentes ao mesmo tempo: nutriente (erosão química), solo (erosão física) e também organismos que vivem na camada superficial da terra (erosão biológica). “Se perde muito do resultado da produção agrícola com o manejo inadequado do solo”, resume o pesquisador.

Já nas áreas terraceadas, a água fica retida na área e infiltra no solo, criando um ambiente mais estável, com menos variação de temperatura e mais umidade disponível — condição ideal para que os microrganismos trabalhem com mais eficiência.

Nas regiões monitoradas pela pesquisa, essa estabilidade se refletiu em mais atividade biológica e, em alguns locais, em aumento expressivo na diversidade de fungos benéficos que vivem associados às raízes das plantas. Em

Toledo, por exemplo, o número de esporos de espécies de Fungos Micorrízicos Arbusculares foi 117% maior nas áreas com terraço; em Dois Vizinhos, 39%; e em Cambé, 14%.

“Esses fungos integram um dos milhares de grupos de organismos que habitam o solo. Eles têm uma particularidade importante para produção agrícola: são simbioses, ou seja, colonizam as raízes das plantas e crescem no solo como se fossem uma extensão da raiz e, assim, permitem que absorvam mais nutrientes, sem prejudicá-la. Uma simbiose perfeita”, explica o pesquisador.

Porém, em regiões de solo mais arenoso, como o Noroeste do Paraná, a atividade biológica é naturalmente menor, por características próprias daquele tipo de solo e clima. Ainda assim, o padrão observado é claro: manter a água no perfil do solo favorece a vida que sustenta a lavoura.

Mundo ideal para organismos

Se o terraço cuida da água, o plantio direto cuida da cobertura e da temperatura do solo. Para Colozzi Filho, a prática é fundamental para um manejo sustentável. O motivo é simples: em solo descoberto, a temperatura na superfície pode chegar a níveis em que parte dos microrganismos perde a atividade. Ao manter a palhada sobre o solo e reduzir ao máximo o revolvimento da terra, o plantio direto reduz essa temperatura, mantém a umidade e as raízes que sobram após a colheita. Essas três condições criam o ambiente favorável para que minhocas, fungos e bactérias prosperem.

O sistema plantio direto vai além de simplesmente não revolver o solo; inclui também rotação de culturas e cultivo em nível — práticas que, somadas ao terraceamento, formam um pacote conservacionista completo.

“É muito importante praticar a ciência para que se possa ter rentabilidade na produção agropecuária e manter o seu solo como um legado para as gerações futuras”, diz o pesquisador.



Após premiação, queijaria do Sudoeste incorpora turismo rural no negócio

Empresa Irmão Queijeiro diversifica as atividades na propriedade em Chopinzinho, fortalecendo o projeto da família de permanecer no campo



A Queijaria Irmão Queijeiro, localizada no município de Chopinzinho, no Sudoeste do Paraná, incorporou um novo negócio na rotina da propriedade de 1,7 alqueire. Além da produção de queijos, a empresa familiar investiu no turismo rural, com a ampliação do espaço para receber visitantes. Agora o público pode conhecer todos os elos da produção de queijo dentro da propriedade: desde o manejo das pastagens, passando pela criação dos animais, até a ordenha e fabricação dos produtos.

“Sentimos necessidade de ampliar a estrutura para melhor atender os turistas que procuram nossos produtos. Hoje contamos com um espaço para eventos, onde recebemos grupos para experiências, degustações e compartilhar nossa história”, conta **Giovana Karina Gregolon**, proprietária da queijaria.

O investimento no turismo rural ocorreu após o queijo Colonial Maturado ao Vinho conquistar, em 2025, a medalha Super Ouro na segunda edição do Prêmio Queijos do Paraná, promovido pelo Sistema FAEP. Na ocasião, o reconhecimento ultrapassou os limites do município, fazendo com que a procura pela queijaria aumentasse.

“A premiação estadual deu visibilidade a um queijo cujo sabor já era elogiado pelos consumidores. Mais clientes que buscam qualidade e segurança alimentar passaram a procurar nossos produtos e valorizá-los ainda mais”, relata a proprietária.

O Prêmio Queijos do Paraná está consolidado como uma vitrine para queijarias artesanais e industriais do Paraná, valorizando a qualidade dos produtos e ajudando a construir uma identidade queijeira própria do Estado. Em 2023, na primeira edição, o concurso recebeu 291 inscrições. Em 2025, o número subiu para 477 queijos, crescimento de 64%.

“O papel da premiação é esse mesmo, colocar os produtos de qualidade do Paraná na vitrine, fortalecer a cadeia produtiva e fomentar o crescimento da produção estadual. Afinal, temos muitos produtos de qualidade que estão entre os melhores do país”, destaca o presidente do Sistema FAEP, Ágide Eduardo Meneguette. “Na nossa região, o queijo vem se fortalecendo cada vez mais como identidade regional. O número de premiações das queijarias locais ajuda a dar ainda mais reconhecimento à produção da região”, afirma Giovana.

O queijo Colonial Maturado ao Vinho carrega uma conexão direta com o território local. O produto lácteo é elaborado com leite cru produzido exclusivamente na propriedade e maturado em submersão de vinho colonial fabricado na região Sudoeste do Paraná.

Procura crescente

A comercialização, que sempre ocorreu de forma direta, teve crescimento rápido por conta da premiação. Mesmo assim, Giovana segue com a produção artesanal em pequena escala, o que garante as características dos queijos. Todo produto lácteo é feito com leite cru proveniente exclusivamente dos animais da propriedade, permanecendo a identidade e controle de qualidade.

“Temos uma propriedade pequena e nossa mão de obra é totalmente familiar. Isso limita a ampliação da produção, mas também garante a qualidade do produto”, explica Giovana. “Produzir queijo já é uma arte. Produzir queijo artesanal de leite cru é uma arte ainda maior. Hoje, olhar para trás mostra que sonhar vale a pena”, finaliza.



▲ Na propriedade, a produção artesanal é realizada em pequena escala e a mão de obra é totalmente familiar

“Mais clientes que buscam qualidade e segurança alimentar passaram a procurar nossos produtos e valorizá-los ainda mais”

Giovana Gregolon,
proprietária da Queijaria Irmão Queijeiro



CONCURSO QUEIJO
Colonial do Paraná

Prêmio Queijos do Paraná está com inscrições abertas

O Prêmio Queijos do Paraná está com a terceira edição em andamento. O lançamento oficial ocorreu em 23 de junho, no Mercado Municipal de Curitiba, marcando a abertura das inscrições para o concurso. A expectativa é ultrapassar 600 produtos inscritos, consolidando o crescimento da iniciativa no Estado.

Entre as novidades desta edição está a criação do inédito Concurso Queijo Colonial do Paraná, voltado exclusivamente a essa categoria tradicional. A organização projeta 100 queijos inscritos.

O anúncio dos premiados está marcado para os dias 2 e 3 de junho de 2027, no Museu Oscar Niemeyer, em Curitiba. Além da avaliação dos produtos, a programação deve mobilizar cerca de 1,2 mil pessoas em atividades voltadas à qualificação e troca de conhecimento, incluindo palestras, minicursos, mesas de debate e harmonizações.

As inscrições podem ser realizadas no site do Sistema FAEP (sistemafaep.org.br).



MEDIANEIRA

BIOJOIAS

Entre 31 de agosto e 2 de setembro, 12 alunos participaram do curso ministrado pela instrutora Silvana Damin.



ANDIRÁ

OPERAÇÃO DE DRONES

A capacitação foi realizada entre 3 e 5 de setembro sob orientação de Rafael Andrzejewski e reuniu oito participantes.



CTA DE ASSIS CHATEAUBRIAND

ELETRICISTA BÁSICO

Quatorze participantes receberam orientações durante o curso ministrado pelo instrutor Kleber Rissardi, de 31 de agosto a 4 de setembro.



RIO NEGRO

MULHER ATUAL + AGRO

Doze mulheres estão em formação, conduzida pela instrutora Fabíola Jazar, entre 3 de setembro e 22 de outubro.



ALTÔNIA

TRATORISTA AGRÍCOLA

Entre 31 de agosto e 4 de setembro, seis participantes receberam o treinamento conduzido pelo instrutor Vanderlei Medina.



CTA IBIPORÁ

MEL NA GASTRONOMIA

O curso realizado nos dias 9 e 10 de setembro, sob orientação do instrutor Jean Samel Rocha, reuniu nove participantes.



ANTONIO OLINTO

BISCOITOS E BOLACHAS

Nos dias 10 e 11 de setembro, 12 participantes passaram pelo curso ministrado pela instrutora Sirlei Janine Blaskevicz.



SÃO JOÃO DO TRIUNFO

PANIFICAÇÃO RURAL

A capacitação reuniu nove participantes nos dias 8 e 9 de setembro. O curso foi realizado pela instrutora Sirlei Janine Blaskevicz.



REALEZA

CULTIVO DE ORQUÍDEAS

De 27 a 28 de agosto, dez participantes fizeram o curso ministrado pela instrutora Nagila Lavorati.



SANTA IZABEL DO OESTE

PRODUÇÃO DE ABELHAS RAINHAS E GELEIA REAL

Em Santa Izabel do Oeste, dez produtores participaram do curso de apicultura, realizado entre 26 de agosto e 5 de setembro, sob orientação do instrutor Heber Luiz Pereira.



CIANORTE

PÁ CARREGADORA

Finalizado em 4 de setembro, o curso instruiu nove participantes. A capacitação foi realizada pelo professor Laércio de Oliveira Silva, com apoio da Prefeitura Municipal.



SÃO JOSÉ DOS PINHAIS

BISCOITOS E BOLACHAS

Nos dias 11 e 12 de agosto, dez participantes realizaram o curso ministrado pela instrutora Maria Luiza Carvalho de Souza Steinemann.

VIA RÁPIDA



Alimento que desafia o tempo

O mel é famoso por um motivo impressionante: pode durar por tempo indeterminado quando armazenado corretamente. Sua composição natural dificulta a proliferação de microrganismos, fazendo dele um verdadeiro campeão da conservação. Se cristalizar, não se preocupe: isso é natural e não significa que estragou!

Ociosidade

- O que os estilistas fazem no tempo livre?
- Inventam moda.



Jambu, a erva que faz a boca “tremar”

Originário da Amazônia, especialmente do Pará, o jambu é uma erva conhecida por provocar a sensação de formigamento e leve dormência na boca. Isso ocorre graças ao espilantol, composto natural presente em suas folhas e flores. Ingrediente tradicional de pratos como tacacá e pato no tucupi, o jambu também vem conquistando espaço na alta gastronomia. Recentemente entrou para o ranking mundial de melhores ervas e especiarias do guia gastronômico TasteAtlas, ocupando a 68ª posição e tornando-se a única erva brasileira na lista.

Do orelhão para a coleção

Teve uma época em que sair de casa sem um cartão telefônico era quase tão complicado quanto esquecer o celular hoje. Nos anos 1990 e início dos 2000, os cartões eram indispensáveis para usar os orelhões e também febre entre colecionadores. Com estampas de animais, novelas, cidades e eventos, muita gente fazia coleção. Alguns cartões raros ainda são disputados até hoje.



Amor em tons de rosa

Os flamingos são conhecidos pela sua beleza e também pelo jeito curioso de demonstrar afeto. Na época de reprodução, os machos fazem verdadeiras “danças do amor”, com movimentos sincronizados para conquistar as parceiras. Muitos casais permanecem juntos por longos períodos e dividem os cuidados com os filhotes. Até a famosa cor rosa tem uma ligação especial: ela vem da alimentação rica em carotenoides e pode ficar ainda mais intensa quando eles estão em fase de acasalamento.



Símbolo de Telêmaco Borba

Muito além de um meio de transporte, o bondinho do teleférico de Telêmaco Borba é uma das marcas do município. Inaugurado em 1959, foi criado para facilitar a travessia dos trabalhadores entre a cidade e a unidade da Klabin, passando sobre o Rio Tibagi. Com cerca de 1,3 mil metros de vão livre e uma vista incrível lá do alto, o teleférico já transportou milhões de pessoas e se tornou uma atração turística dos Campos Gerais do Paraná.

Fenômeno mundial

Em 2009, dois amigos criaram o WhatsApp pensando apenas em um jeito fácil de avisar o que cada pessoa estava fazendo. Mas a função de troca de mensagens fez tanto sucesso que o aplicativo cresceu rapidamente. Hoje, é difícil imaginar o dia a dia sem ele — seja para conversar, trabalhar ou mandar aquela figurinha.



FOTO DO CLIMA

Quer ver sua foto do clima publicada no Boletim? É fácil! Basta entrar na seção **Clima**, do site sistemafaep.org.br ou pelo **app** do Sistema FAEP.

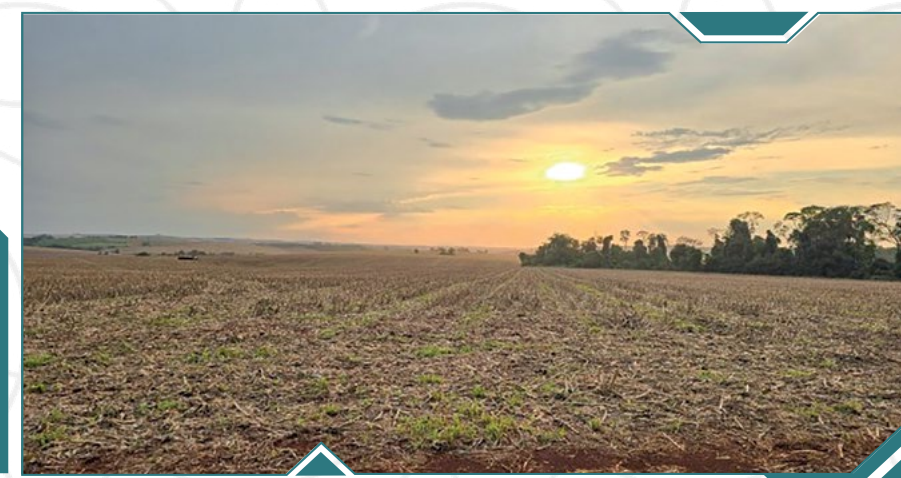


Foto: Sergio Munhoz - Nova Santa Bárbara, PR

Chia, uma semente cheia de história

Pequena no tamanho, mas rica em nutrientes, a chia é uma excelente fonte de fibras, proteínas, ômega-3 e antioxidantes. Seu nome vem da palavra maia "chian", que significa "força". Há milhares de anos, a semente já era consumida por civilizações como os maias e os astecas. Quando hidratada, forma um gel natural que ajuda na sensação de saciedade e pode ser usado em receitas como vitaminas, iogurtes, pudins e pães.



Participe da comunidade do sistema FAEP no whatsapp

E receba notícias do campo de forma rápida



Escaneie o
QR Code abaixo
e confira!



SISTEMA FAEP



Acesse a versão digital deste informativo:

sistemafaep.org.br

• FAEP - R. Marechal Deodoro, 450 | 14º andar | CEP 80010-010 Curitiba-PR | F. 41 2169.7988 |

Fax 41 3323.2124 | sistemafaep.org.br | faep@sistemafaep.org.br

• SENAR-PR - R. Marechal Deodoro, 450 | 16º andar | CEP 80010-010 Curitiba - PR | F. 41 2106.0401 |

Fax 41 3323.1779 | sistemafaep.org.br | senarpr@sistemafaep.org.br

Siga o Sistema FAEP nas redes sociais



Endereço para devolução:

Federação da Agricultura do Estado do Paraná
R. Marechal Deodoro, 450 - 14º andar
CEP 80010-010 - Curitiba - Paraná

EMPRESA BRASILEIRA DE CORREIOS E TELÉGRAFOS



- | | |
|--|--|
| ☐ Mudou-se | ☐ Falecido |
| ☐ Desconhecido | ☐ Ausente |
| ☐ Recusado | ☐ Não Procurado |
| ☐ Endereço Insuficiente | |
| ☐ Não existe o nº indicado | |
| ☐ Informação dada pelo
porteiro ou síndico | |

REINTEGRADO AO SERVIÇO POSTAL

Em ____/____/____

Em ____/____/____

Responsável